



**UFRR**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CCH  
COORDENADORIA DE HISTÓRIA**

**MEMÓRIA E SOCIABILIDADE:  
O Estádio João Mineiro como espaço de integração social na década de 1960**

**ADRIANE FERNANDES BRITO**

**BOA VISTA-RR**

**2013**

**ADRIANE FERNANDES BRITO**

**MEMÓRIA E SOCIABILIDADE:**

**O Estádio João Mineiro como espaço de integração social na década de 1960**

Monografia apresentada a Universidade Federal de Roraima – UFRR, como pré-requisito para a conclusão do curso de Licenciatura e Bacharelado em História.

Orientador: Prof. Msc. Antônio Klinger da Silva Souza

**BOA VISTA-RR**

**2013**

**ADRIANE FERNANDES BRITO**

**MEMÓRIA E SOCIABILIDADE:**

**O Estádio João Mineiro como espaço de integração social na década de 1960**

**Monografia apresentada como pré-requisito para conclusão do curso de Licenciatura e Bacharelado em História da Universidade Federal de Roraima, defendida em 17 de Abril de 2013 e avaliada pela seguinte banca examinadora:**

---

**Prof. Msc. Antônio Klinger da Silva Souza**  
**Orientador/História-UFRR**

---

**Prof<sup>ª</sup>. MSc. Geyza Alves Pimentel**  
**Membro**

---

**Prof. Esp. Francisco Marcos Mendes Nogueira**  
**Membro**

Dedico:

Ao meu pai, mãe e irmãos que sempre apoiaram meus estudos, os quais amo muito.

A minha família em Cristo Jesus, família Filadélfia.

As minhas amigas e irmãs Junnya dos Santos Costa e Jessica Carla da Silva, que sempre me apoiaram, incentivaram e estiveram comigo.

## In Memoriam

Ao meu amado pai Antonio Lopes Brito, melhor pai do mundo, que me ensinou valores dos quais eu nunca esquecerei, do qual eu herdei a paixão pelo futebol. Saudades eternas.

## AGRADECIMENTOS

Aproveito este espaço para homenagear e agradecer a essas pessoas, que fazem e fizeram parte da minha vida, com certeza sou a pessoa mais privilegiada, honrada e abençoada pela amizade de cada um de vocês.

Nesta minha caminhada acadêmica muitos estiverem ao meu lado, contribuíram direta e indiretamente para que eu obtivesse esta formação, para não cometer a indelicadeza de esquecer nomes citarei aqueles que estiveram diretamente neste período.

Primeiramente a Deus, que é a fortaleza de minha vida, meu senhor e salvador, sempre fiel, justo e infinito em bondade e misericórdia. Que sempre esteve e está ao meu lado, que me ama e que jamais me abandonou.

A minha mãe Ana Fernandes, que me ensinou princípios os quais me acompanham, pelas disciplinas que me deste que foram fundamentais para meu caráter, pelos seus conselhos sempre no propósito do melhor para mim, pelo seu amor incondicional, pelo seu carinho mesmo que contido, mas essencial para que me sentisse sempre segura. Amo muito a senhora mãe!

Aos meus irmãos Paulo, Paula e Antonio que são os mais presentes em meu cotidiano, apoiando, incentivando e principalmente sendo pacientes comigo e aos outros irmãos Margarete, Maria, Irineu, Valdinaldo e Rilton mesmo estando longe me apoiaram, jamais me deixaram desistir mesmo nos momentos de dificuldades sempre acreditaram em mim. Vocês e nossa mãe são os reais motivos da minha dedicação nessa formação. Amo cada um de vocês!

Aos meus sobrinhos, em especial Andreina e Adnan. Tia ama vocês!

Ao meu orientador Klinger Souza, que pacientemente me instruiu, esteve comigo durante esse tempo desde a escolha do tema até esse momento, pelos momentos difíceis que tivemos quando nos afastamos e por certo momento deixou de me orientar, agradeço muito por termos retornado a este trabalho juntos e hoje ele está concretizado. Obrigada por ter lido e relido nosso trabalho, ter acreditado em mim, acreditado no meu trabalho, que se tornou nosso trabalho, e principalmente acreditou que eu seria capaz de conquista-lo. Meu carinho, admiração e respeito a você Mestre e amigo maravilhoso que és.

Ao Sr. Roberto Silva e Sr Walmir Pimentel que abriram suas casas para mim e me receberam muito bem, meu singelo agradecimento pela oportunidade de conhecer um pouco

mais sobre suas vidas, a cidade de Boa Vista e o futebol local na década de 1960, através de suas narrativas que foram à base para construção deste trabalho.

À minha amiga, irmã e companheira nessa jornada Jessica Carla da Silva, a qual sem sombras de dúvidas foi um grande pilar de sustentação na minha vida dentro e fora da Universidade. Esteve comigo em todos os momentos, estágios, no trabalho, nas dificuldades, nos choros e principalmente nos risos, sempre me auxiliando quando precisei, não desistiu de mim em nenhum momento, não permitiu que eu desistisse, sempre me animou quando estava triste, me mostrou que eu realmente era capaz, me suportou, me apoiou e jamais me julgou. Muito obrigada amiga!

A todos os irmãos da Igreja Presbiteriana Filadélfia, pelas constantes orações e amor fraternal.

Ao Conselho da Igreja Presbiteriana Filadélfia, homens que sempre estiveram preocupados com minha vida e me orientam no caminho do Senhor.

À União de Mocidade Presbiteriana-UMP da Filadélfia, pelas constantes orações, exortações e palavras de carinho, em especial Thaynata Castro, Thatiely Castro, Luciany Fernandes, Tainá Souza, Guilherme Vieira e Ney Wesley, esses que sempre demonstraram grande preocupação comigo e muito me ajudaram nessa reta final de graduação.

Ao meu Co-Orientador Francisco Marcos Mendes Nogueira, o qual me ajudou na escolha do meu objeto de estudos, as dicas, pelas leituras e contribuição neste trabalho, sempre demonstrou disposição em me auxiliar.

A minha amiga e irmã Gislayne dos Santos (GiGi), que muito me ajudou na transcrição das narrativas orais, obrigada pela amizade, apoio e orações ao longo dessa minha caminhada acadêmica.

À minha amiga e irmã Junnya dos Santos Costa, pelas conversas, compreensão, conselhos e apoio, agora mesmo longe continua me encorajando para ir além.

À minha amiga e companheira de curso Wandercila Veras (Kynha) que sempre esteve comigo, por muitas vezes abriu sua casa e me acolheu em momentos de cansaço.

À Stefany Castro que sempre acreditou e me apoiou. Obrigada por tudo!

As minhas ex alunas e amigas Jessyka Kerolay, Juliene Rodrigues e Maria Karolina.

Ao meu irmão em Cristo e amigo Caio Jorge Borges pelas orações e responsável na tradução do meu resumo para abstract desta monografia.

A minha irmã em Cristo Tainá Nôleto que pacientemente muito me ajudou em algumas traduções.

Aos professores da Coordenadoria de História da UFRR que contribuíram para minha formação, Professores: Dr. Alfredo de Souza, Dra. Carla Monteiro, Dra. Maria da Graças dos Santos Dias, Dr. Nélvio Paulo Dutra Santos, Dr. Reginaldo Gomes de Oliveira, Dra. Maria Luiza Fernandes, MSc. Raimundo Nonato e MSc. Shirlei Martins.

Aos professores substitutos que muito somaram para minha formação.

À professora Marcia D'Acampora que por um breve momento me orientou, suas considerações foram muito bemvindas e muito contribuíram para este trabalho.

Ao professor e amigo Orlando Carneiro, pelo qual eu tenho uma admiração e carinho imensurável.

Aos meus amigos da turma de 2008, em especial Gizele França, Karoline Coelho, Elvis Candido, Noelia Ceferina, Jobson Candido, José Fausto Demétrio, Eurinedes Gonçalves e Ismael Guedes este que estiveram mais próximos e compartilhei momentos incríveis.

Ao Pr. Jessé Alves de Araújo que me cedeu fotos do seu acervo particular, muito me apoiou nesta minha vida acadêmica, aconselhando e exortando.

Ao meu irmão em Cristo e amigo Luciano Sanguannini que me presenteou com muitas apostilas, e que orientou sobre o curso de história várias vezes e contribuiu nos meus estágios me cedendo materiais do seu acervo particular.

E meu muito obrigado a amigos e amigas que não cite aqui e colaboradores que me ajudaram indiretamente.

Todos vocês contribuíram neste trabalho e estão guardados em meu coração e memória. Muito Obrigada!



**“Quero trazer à memória o que  
pode me dar esperança.”**

**Lamentações 3:21**

## RESUMO

O presente trabalho busca apresentar o Estádio João Mineiro para a história do futebol em Roraima por meio do uso da memória. Conhecer o futebol na década de 1960 e comparar com o futebol atual e todo o processo pelo qual passou e passa. Processo de passagem de Território Federal do Rio Branco para Território Federal de Roraima, mais tarde tornando-se Estado de Roraima, suas consequências para o futebol e cotidiano da cidade. É sabido que o Estádio João Mineiro foi o principal espaço futebolístico em Boa Vista no período abordado, durante muitos anos o Estádio foi espaço de sociabilidade para sociedade local, lugar de encontros, conversas, brigas e principalmente diversão, não apenas em dias de jogos, mas antes e pós jogos. As narrativas orais como aporte metodológico foram de grande importância neste trabalho, relatando acontecimentos que marcaram suas vidas e a sociedade boavistense.

**Palavras chaves: Espaço. Memória. Sociabilidade.**

## **ABSTRACT**

This study aims to present the Stadium Joao Mineiro in the history of football in Roraima through the use of memory. Knowing football in the 1960s and compare with the current football and the whole process has gone through and passes. Process passage of the Federal Territory of Rio Branco to the Federal Territory of Roraima, later becoming state of Roraima, its consequences for football and everyday life of the city. It is known that the Estádio João Mineiro football was the main space in Boa Vista in the period covered, for many years the stadium has space for sociability local society, place of meetings, talks, fights and mostly fun, not just on game day, bad before and after games. The methodological contribution as oral narratives were of great importance in this research, reporting events that shaped their lives and society Boavistense.

**Keywords: Space. Memory. Sociability.**

## **LISTA DE SIGLAS**

**CBF** - Confederação Brasileira de Futebol

**DAMI** - Divisão de Maternidade e Infância

**FIFA** - Federação Internacional de Futebol Associado.

**FRD** - Federação Riobranquense de Desporto

**FRD** - Federação Roraimense de Futebol

**IFAB** – *International Football Association Board* - Quadro da Associação Internacional de Futebol

**LIFAER** - Liga de Futebol Amador do Estado de Roraima

**SEPLAN** - Secretaria de Planejamento

## LISTA DE FIGURAS

|  |    |
|--|----|
| Fotografia 1 – Garrincha atuando pelo time do São Raimundo em 1967.....                    | 26 |
| Fotografia 2 – Na parte superior da Foto o Clube do Roraima e na parte inferior o Baré.... | 27 |
| Fotografia 3 – Memorial do pórtico de entrada do Estádio João Mineiro.....                 | 29 |
| Fotografia 4 –Estádio Canarinho e Estádio Ribeirão.....                                    | 30 |
| Fotografia 5 – Partida de futebol e jogadores no Estádio João Mineiro.....                 | 44 |

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| <b>1 INTRODUÇÃO</b> .....                                 | 14 |
| <b>2. FACES DA MEMÓRIA</b> .....                          | 17 |
| 2.1 Memória na Contemporaneidade .....                    | 18 |
| 2.2 Exposição Metodológica .....                          | 21 |
| <b>3. BREVE HISTÓRIA DO FUTEBOL</b> .....                 | 23 |
| 3.1 Futebol Roraimense .....                              | 26 |
| 3.2 O espaço do futebol e as visibilidades do espaço..... | 30 |
| <b>4. MEMÓRIAS DE UM EX-DESPORTISTA</b> .....             | 36 |
| 4.1 A arte de um “Mané” .....                             | 40 |
| 4.2 O fim de uma era .....                                | 42 |
| <b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....                      | 46 |
| <b>REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA</b> .....                     | 48 |

## 1 INTRODUÇÃO

Ao longo de minha carreira acadêmica, muito me perturbou a ideia de escrever minha monografia, o fato de ter que abordar um tema, pesquisar, escrever sobre algo que fosse pertinente ao cenário histórico e principalmente que envolvesse meu interesse em pesquisa-lo, porém ao me deparar com a possibilidade de escrever sobre o Estádio João Mineiro e sobre a capacidade que tinha o futebol e o espaço, para que as pessoas se reunissem na década de 1960 muito me alegrou, pois é uma área na qual muito me identifico, já que sou atleta do time de futsal da Universidade Federal de Roraima.

A cidade de Boa Vista capital do Estado de Roraima está localizada no extremo norte do país, sendo a única capital brasileira que se encontra no hemisfério norte. A cidade foi pensada, planejada e inspirada nos moldes de Belo Horizonte e Paris, assim adquiriu formato de um leque, tendo como ponto principal o rio Branco, isso se deve ao engenheiro Darci Aleixo Deregusson e ao Cap. Ene Garcez que arquitetaram a cidade.

Por volta de 1960 à população existente em Roraima era de 28.303 habitantes, no entanto a maioria destes indivíduos residia em Boa Vista. Para se chegar a capital o principal meio de transporte era o fluvial o qual era muito precário, mas já contava também com transporte por meio de aviação.

Neste período a cidade contava com poucos espaços de sociabilidade esportiva, o futebol era a uma das principais atrações, já existiam clubes de futebol, a exemplo, o Boa Vista, o Rio Branco, o Roraima, o Amazônia, etc., depois surgiram outros que até hoje existem como, Baré, River, São Raimundo entre tantos outros.

Na década de 1960 o Estádio João Mineiro era um dos principais palcos futebolísticos da cidade, espaço em que amizade, rivalidade e socialização eram comumente presentes, entretanto, o estádio acabou sendo demolido por ordens do governo para ceder espaço para a nova maternidade de Boa Vista, a promessa era que o governo construísse outro estádio para Federação Riobranquense de Futebol, pois era de sua propriedade, mas a verdade é que isso nunca aconteceu.

É neste sentido que buscamos a partir das memórias daqueles que participaram do convívio naquele espaço entender em quais aspectos o Estádio João Mineiro contribuiu para a integração da sociedade boavistense nos idos da década 1960. Assim, identificando e

trabalhando com a memória dos agentes que participaram e contribuíram para a história do Estádio João Mineiro, discutindo o Estádio como espaço de sociabilidade para a população de Boa Vista na década de 1960.

Depois de muitos anos que o estádio foi demolido, o que restou para trazer a memória da sociedade boavistense foi um monumento que se encontra em frente à maternidade. No entanto, em conversas sobre o meu possível tema, tomei conhecimento da existência deste monumento em memória do Estádio, pois o mesmo já não existe mais, o que me despertou grande interesse em falar da memória daqueles que participaram da criação deste espaço.

O Estádio João Mineiro exerceu grande influência para integração da sociedade local, pois o mesmo tornou-se lugar onde se reuniam pobres e ricos, negros e brancos, sem acepção de gêneros ou classe social, todos reunidos para prestigiar um esporte que nos dias atuais é considerado como paixão nacional e tem poder de integração, principalmente nesta cidade que no período proporcionava poucos espaços de socialização.

A relevância deste trabalho para academia é importante para que tenhamos conhecimento deste Estádio, assim como a história do esporte roraimense que está sendo construída a partir da memória daqueles fizeram e participaram dos acontecimentos ao longo dos anos, trazendo para o cerne da discussão acadêmica narrativas e fotografias que antes estavam em mãos de particulares e que agora se tornam públicas.

A metodologia aplicada nesta pesquisa foi coerente com as obras citadas na referência bibliográfica dessa monografia. Sob o aspecto de qualidade para análise, compreensão e conhecimento do objeto estudado, sendo assim uma pesquisa qualitativa. No teor explicativo, pesquisa qualitativa “é aquela, que além de registrar e analisar os fenômenos estudados busca identificar suas causas, seja através da aplicação do método experimental/matemático, seja através da interpretação possibilitada pelos métodos qualitativos.”<sup>1</sup>

A estrutura deste trabalho, trás em seu primeiro capítulo as faces da memória demonstrando seu desenvolvimento na contemporaneidade, expondo nuances metodológicas para seu uso em pesquisa científica. Em seguida, no capítulo dois, apresentamos uma breve

---

<sup>1</sup> SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. Ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007, p. 121.



história do futebol, abordando, sobretudo, o futebol roraimense e seus espaços e visibilidades. O terceiro capítulo está estruturado a partir das narrativas orais do Senhor Roberto Silva, ex-desportista, o qual nos apresenta de forma concisa fatos por ele presenciados acerca do futebol local.

## 2 AS FACES DA MEMÓRIA

Não basta reconstituir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa (...)" Somente assim podemos compreender que uma lembrança seja ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída.(...)<sup>2</sup>

Falar sobre memória é tratá-la em diversos aspectos, sendo oral ou escrita, sua transição e suas adjacências no que diz: a memória étnica nas sociedades sem escritas, ditas "selvagens"; o desenvolvimento da memória, da oralidade à escrita, da Pré-História à Antiguidade; a memória medieval, em equilíbrio entre o oral e o escrito; os progressos da memória escrita, do século XVI aos nossos dias e os desenvolvimentos atuais da memória.

Jaques Le Goff mostra o desenvolvimento da memória: da oralidade à escrita, da pré-história à antiguidade, ele classifica a memória coletiva em três determinados pontos: a idade coletiva do grupo, o prestígio das famílias dominantes e os saberes, porém isto fazendo parte das sociedades sem escritas, que estavam ligadas a mitologia, a hereditariedade e a religiosidade, podemos observar que com o surgimento da escrita, há expansão da memória.

A outra forma que Le Goff coloca é através dos documentos, esses onde ficaram guardados a escrita, devendo ser preservados para que não venha se perder ao longo dos anos, podendo assim possibilitar a comunicação e conhecimento entre diversas sociedades, neste sentido que o autor afirma que "todo documento tem em si um caráter de monumento e não existe memória coletiva bruta"<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo, Vértice, 1990. p. 39.

<sup>3</sup> LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1990, p. 428.

## 2.1 Memória na Contemporaneidade

A memória na contemporaneidade desperta interesse e fascínio da pesquisa histórica. No entanto, é sabido que hodiernamente a memória tornou-se um modismo. E este se deu graças às novas tecnologias de conservação da memória, através de equipamentos digitais que facilitam o cotidiano e até mesmo a sobrevivências dos seres humanos, rompendo em muitos casos com o tradicionalismo documental, estamos em uma nova era, a era da “memória digital”, onde as calculadoras, estes aparatos tecnológicos, aparelhos eletrônicos possuidores de memória (celulares, computadores, pages, Ipods, tablets etc), dão um novo rumo à história da humanidade.

A eficiência da inteligência humana, inteligência essa que pode se aprimorar a cada dia, sem a qual nada disto seria possível: “A primeira distinção na duração da memória entre memória humana e memória eletrônica é necessário acrescentar “que a memória humana é particularmente instável e maleável (...)”<sup>4</sup>.

Le Goff traz a importância de memória digital sobre outras ciências, na história ela possibilitou os arquivamentos de documentos através dos bancos de dados, nas ciências biológicas como suporte para tantas descobertas científicas “a hereditariedade funciona como a memória de um computador”<sup>5</sup> não só nessas mais em tantas outras ciências a memória digital tem sido aporte para elas. “A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para libertação e não para servidão dos homens.”<sup>6</sup>

Quando Michel Pollak trata do enquadramento da memória, ele relaciona diretamente ao caráter político e ideológico, que devem construir essa memória “partidária” que às vezes sofrem modificações como observamos nas cisões, quando grupos não estão de acordo com o discurso formado, e passam a criar um novo ou simplesmente modificá-los para os seus interesses.

Uma memória bem construída ela se solidifica e passa a influenciar, reescrevendo-a quando necessária “quando a memória e a identidade estão suficientemente constituídas, suficientemente instituídas, suficientemente amarradas, os questionamentos vindos de grupos externos à organização, os problemas colocados pelos grupos, não chegam a provocar a

---

<sup>4</sup> LE GOFF, Jaques. **História e memória** p. 462.

<sup>5</sup> LE GOFF, Jaques. **História e memória.** p. 464.

<sup>6</sup> Idem, 2003, p. 471.

necessidade de se proceder a re-arrumações, nem no nível da identidade coletiva nem no nível da identidade individual.”<sup>7</sup> Deste modo, a memória como campo da pesquisa histórica apresenta-se como um miríade no ofício do historiador.

Posto isto, tomamos a memória como pano de fundo, pois assim, por meio dos indivíduos entrevistados que a história do nosso objeto de estudo virá à tona. Para tanto, tomamos como base o texto de Michel Pollak, “*Memória e Identidade Social*”<sup>8</sup>, visto que nos dispomos a trabalhar com histórias de vida, tendo como aporte teórico a metodologia da história oral, visto que a memória exerce um papel fundamental na construção de uma identidade social.

Pollak coloca que a priori a memória é um fenômeno individual, caracterizado apenas por cada ser humano, porém, cita Maurice Halbwachs que trata a memória como “fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”<sup>9</sup> na qual a memória é construída por um grupo podendo sofrer acréscimos e até mesmo omissão de acontecimentos.

Vale destacar que a memória pode ser tratada como “inconstante” e “vulnerável”, ou seja, está sujeito a mudanças devido sua fragilidade, isso independentemente de ser individual ou coletiva, todavia havendo momentos na memória que solidificaram, onde não há a possibilidade de haver mudança alguma, pois como o autor coloca já faz parte da essência de cada pessoa.

O autor traz como elementos para construção desta memória os lugares. Estes por sua vez podem ter sido visitados pela própria pessoa ou não. Estes lugares podem de alguma forma, forjar marcas para vida, individual ou social, isso independente delas serem boas ou ruins. Outro aspecto da memória é o que Pollak chama de memória por tabela, isto é, os acontecimentos vividos por outrem, depois de repetidas vezes contados tornam-se passível de uma “transmissão de memória”. Isto implica dizer que a memória pode ser herdada.

Pollak citando Joutard disserta que “podem existir acontecimentos regionais que traumatizaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação”<sup>10</sup>. Sendo assim esses três elementos lugares,

---

<sup>7</sup> POLLAK, Michel. *Memória e Identidade Social*. p. 7.

<sup>8</sup> Idem.

<sup>9</sup> Idem. p. 2.

<sup>10</sup> Idem.

acontecimentos e personagens são primordiais para a compreensão da construção da memória, em particular da memória social.

Neste ínterim, Le Goff<sup>11</sup> fala a respeito de duas histórias, a história “objetiva” que é aquela voltada apenas para descrever os fatos conforme eles são contados: “a série de fatos que nós, investigadores, descrevemos e estabelecemos com base em certos critérios ‘objetivos’ universais no que diz respeito às suas relações e sucessão”; e a outra é a história “ideológica” é aquela idealizada pelo seu próprio povo “que descreve e ordena esses fatos de acordo com certas tradições estabelecidas”<sup>12</sup>. Esta última história o autor coloca sendo a memória coletiva, aquela que é construída por um determinado grupo.

Nesta memória étnica o autor coloca um fato bastante contundente que é a respeito de personagens diretamente ligados a conservação da memória dentro destes grupos, em uma sociedade sem escrita o que vale são as memórias de ancestrais, transmitidas pelos chamados “guardiões” da memória, nestes casos “A memória coletiva parece, portanto, funcionar nestas sociedades segundo uma “reconstrução generativa” e não segundo uma memorização mecânica”<sup>13</sup>.

Ecléia Bosi coloca que nos tempos atuais é comum querer conhecer o passado, para se entender os dias presentes em seus vários aspectos, “A idade adulta é norteadada pela ação presente e quando se volta para o passado é para buscar nele o que se relaciona com suas preocupações atuais”<sup>14</sup>. Entretanto, percebemos que realmente faz-se necessário estar relacionando problemas passados com os atuais, para melhor socialização e que os velhos que tanto nos ajudam com suas histórias de vidas são muito cobrados pela sociedade, “impondo-lhes” a intolerância de errar, para que isso não venha comprometer o futuro social.

Mister destacar que nesta relação da memória social e individual, uma das formas de abater o esquecimento é a “materialização” dela por meio da escrita. Sobre a preservação da memória, em especial da coletiva, Le Goff destaca que “a escrita permite à memória coletiva um duplo progresso, o desenvolvimento de duas formas de memória”<sup>15</sup>. Como exemplo o autor destaca os monumentos comemorativos, pois através dele, o monumento, estará sempre

---

<sup>11</sup> LE GOFF, Jaques. **História e memória**. 2003. p. 421.

<sup>12</sup> Idem. p. 424.

<sup>13</sup> Idem. p. 426.

<sup>14</sup> BOSI, Ecléia. Tempo de lembrar. In: **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. 11ª Ed. Companhia das Letras: São Paulo, 2004. p. 76.

<sup>15</sup> LE GOFF, Jaques. **História e memória**. p. 427.

representado e presente no cotidiano de uma sociedade, não caindo assim no esquecimento da mesma.

## 2.2 Exposição Metodológica

A cidade de Boa Vista traz no seu interior monumentos que ajudam a manter “viva” a memória social, como o pórtico de entrada do antigo Estádio João Mineiro, localizado no bairro São Francisco, também a imponência do Estádio Flamarion Vasconcelos “Canarinho”<sup>16</sup>, como outros. No caso da pesquisa proposta, a *Fundação da Federação Roraimense de Desporto*, é possível trazer a tona novos elementos e subsídios a fim de analisar e compreender as forma de pensar a respeito da “preservação” da memória, no qual através de sua materialização, possibilita acesso a essa memória social.

Ecléia Bosi trata a memória como função social, à memória como fator crucial para construção de uma sociedade, as tradições e memórias que são “usadas” para construir um presente que não seja ou talvez seja igual ao passado, para isso ela precisa ser muito bem cuidada e ouvida, como a autora afirma “Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito.”<sup>17</sup>

A materialização não ocorre somente por meio dos monumentos, mas também por meio dos documentos. Le Goff afirma que “todo documento tem em si um caráter de monumento e não existe memória coletiva bruta”<sup>18</sup>, portanto é preciso ter acuidade juntos as fontes.

A fim de dar conta da elaboração desta monografia, utilizamos a técnica da História Oral, visto que a mesma permite “reconstruir” e “vivenciar” o que já foi vivido. Através desta metodologia o narrador é o protagonista da sua própria História, mesmo quando se utiliza das memórias coletivas dá incremento e sentido a sua memória particular e, assim, vislumbramos também a possibilidade da quebra de paradigmas estabelecidos como marco fixador *da e pela* memória, através dos monumentos como forma de fixação e perpetuação da historia oficializada.

---

<sup>16</sup> Vale ressaltar que esse estádio foi inaugurado com o nome de “Estádio 13 de Setembro”. Após a morte do jornalista esportivo Flamarion Vasconcelos o “Canarinho” teve seu nome original modificado a fim de fazer uma homenagem póstuma.

<sup>17</sup> BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. pág.71-92.

<sup>18</sup> LE GOFF, Jaques. **História e memória**. p. 428.

Bosi faz uma relação entre narrador e ouvinte, “Entre o ouvinte e o narrador nasce uma relação baseada no interesse comum em conservar o narrado que deve poder ser reproduzido”<sup>19</sup>. Observo que o narrador muitas vezes transmite muito mais que relatos ouvidos ou até escritos, ele tem que fazer o ouvinte viver o que é narrado, sentir os mesmos sentimentos e se emocionar com os fatos, pode ser dito que ele é a essência da história, aquele que dá a vida e sentimentos a narração, no fim o que realmente importa é preservar esta memória vivida.

A autora coloca as histórias de velhos, pois, são suas experiências de vida, ou seja, “A experiência que passa de boca em boca e que o mundo da técnica desorienta”<sup>20</sup>. É neste sentido que vemos que a narração pode ser feita para agradar ou desagradar dependendo de qualquer circunstância vivida, passa muitas vezes por embelezamento ou ocorre deformidades.

---

<sup>19</sup> BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos.** p. 90.

<sup>20</sup> Idem. p. 84.

### 3. BREVE HISTÓRIA DO FUTEBOL

O nosso bom e velho futebol, criado pelos ingleses, é sem dúvidas o esporte no qual mais se aglomeram pessoas que buscam lazer, conversas, risos e, muitas vezes, raiva e desespero. Ele já teve outras maneiras de ser praticado, mas o tradicional futebol que conhecemos, é disputado em uma partida de 90 (noventa) minutos, divididos em 2 (dois) tempos de 45 (quarenta e cinco) minutos, fora os acréscimos que são dado pelo árbitro.

Este tradicional futebol, tem suas origens na Inglaterra e Escócia, com o nome de Football Association, traduzindo-se para Futebol Associado que tem normas firmadas em 1863, e que até hoje ainda tem elas como alicerce para os regimentos do futebol moderno, a forma mais longínqua de um esporte que se assemelha ao “nosso futebol” era encontrada na China entre os séculos III e II a.C. correspondente a dinastia Han, que tinha por fundamentos jogar a bola com o pé em uma rede, outras formas parecidas com futebol existiram, porém surgiram depois desta criada pela dinastia Han, da China antiga que por sinal tinha um nome bem complicado, Ts’uh Kúh que significa “chutar a bola”, o mesmo é reconhecido pela FIFA<sup>21</sup>, sendo antecessor do futebol que conhecemos atualmente.

O futebol, como quaisquer outros esportes têm sua instituição, a qual é responsável por organizar e realizar eventos para a prática do mesmo. A FIFA tem entre suas responsabilidades elaborar, divulgar e promover as regras que são estabelecidas para a prática segura do esporte, não só dos praticantes como também do público que se desloca de suas residências até o estádio para prestigiarem uma partida de futebol, fiscalizar e aprovar os estádios onde poderá ocorrer competições a nível internacional, entres outras atividades exercidas pela mesma. Juntamente com a FIFA existe outra instituição que também é responsável por discutir e organizar as regras de futebol, a IFAB<sup>22</sup>, não só esta, mas outras que são parceiras e associadas a FIFA, dando-lhe todo suporte para eventos e competições.

O principal evento organizado pela FIFA é a Copa do Mundo de Seleções, realizada desde 1930 a cada 4 (quatro) anos, conta com a participação de diversas seleções, que representam distintos países de todos os continentes, que brigam em busca do título mais desejado do futebol mundial, o de ser campeão do mundo.

---

21 Federação Internacional de Futebol Associado – FIFA É a instituição Internacional que dirige as associações de Futsal, Futebol de Praia ou Futebol de Areia e Futebol Associado.

22 International Football Association Board –IFAB Que é o Quadro da Associação Internacional de Futebol, órgão que regulamenta as regras do futebol.



A primeira Copa Mundial FIFA, foi realizada no Uruguai, que teve como campeão da mesma o país anfitrião do evento. O Brasil é o país que mais soma títulos na Copa do Mundo, dono de 5 (cinco) títulos, considerado Penta Campeão Mundial, seguido por Itália com 4 (quatro) títulos, Alemanha com 3 (três) títulos, Argentina 2 (dois) títulos e Uruguai, Inglaterra, França e Espanha com 1 (um) títulos apenas.

O futebol é paixão brasileira, a maioria do povo prefere discutir futebol ao invés de política ou/e religião, ou qualquer outro assunto, uma nação que em tempos de Copa, senta-se em frente suas TV's para assistirem, torcerem pela Seleção Brasileira, por alguns instantes acabam se tornando técnicos, um dos motivos para tanto entusiasmo deve-se porque o Brasil é Penta Campeão Mundial de futebol, esporte que chegou aqui por meio de Charles Miller, depois de uma viagem a Inglaterra trazendo consigo bolas, o mesmo fundou até um clube em São Paulo.

Neste sentido Soares e Lovisolo apud DaMatta corrobora:

O estilo de futebol do brasileiro, individualizado, cheio de dribles, estilização e improvisação seriam ferramentas com as quais o indivíduo oriundo das massas pode obter notoriedade e mobilidade social, isto é, “pode tornar-se uma estrela de um time de futebol e tornar-se uma super pessoa e centro das atenções, uma personalidade notável que não pode ser substituída”<sup>23</sup>.

Para muitos o Brasil é o país do futebol, devido aos muitos títulos (Copa América e Copa das Confederações, por exemplo), não só em Copas, mas também em outras competições internacionais através da seleção ou dos clubes brasileiro e devido, logicamente, a tantos craques, “gênios” do futebol, que fascinaram o público com tantos lances, passes, dribles desconcertantes e gols fascinantes. Acerca do assunto Luiz Carlos Ribeiro destaca que os dribles “quando praticado em excesso pode tanto fragilizar sua própria equipe, quanto gerar um sentimento de humilhação no adversário e degenerar em violência.”

Como não citar o nome desses “gênios da bola”? A alegria de se jogar futebol era visível através de: Pelé, Tostão, Sócrates, Falcão, Rivelino, Garrincha, Zagalo, Taffarel, Zico, Romário, Ronaldo e tantos outros que fizeram do futebol brasileiro, um “futebol arte”. Pelé considerado o rei do futebol, jogadas fabulosas, gols esplêndidos, cujo nome é conhecido mundialmente, Ronaldo “Fenômeno” que lutou, venceu lesões por causa do seu sonho,

---

<sup>23</sup> LIVISOLO, Hugo Rodolfo; SOARES, Antonio Jorge. **Futebol: A construção histórica do estilo nacional**. Revista Brasileira Ciência & Esporte. Campinas, v. 25, n. 1, set. 2003, p. 129 – 143.

principal nome do Pentacampeonato, com seus 2 (dois) gols na final da Copa em 2002, contra Alemanha, os anfitriões da festa.

Destacamos sobre tudo a figura de Garrincha sinônimo de drible e genialidade, este chegou a Seleção Brasileira e esteve com ela em 3 (três) Copas do Mundo, inclusive em duas delas tornou-se campeão, principalmente na de 1962 no Chile, onde foi o principal jogador, podemos dizer que também é o grande responsável pelo título. A genialidade de Garrincha foi eternizada pelo grande poeta Vinicius de Moraes que o imortalizou no poema intitulado “O anjo da perna torta”. Anjo que joga bola, anjo que deixa seus adversários estonteados, que fazia do futebol uma alegria em jogar.

### **O anjo das pernas tortas<sup>24</sup>**

A um passe de Didi, Garrincha avança  
 Colado o couro aos pés, o olhar atento  
 Dribla um, dribla dois, depois descansa  
 Como a medir o lance do momento.  
 Vem-lhe o pressentimento; ele se lança  
 Mais rápido que o próprio pensamento  
 Dribla mais um, mais dois; a bola trança  
 Feliz, entre seus pés - um pé-de-vento!  
 Num só transporte a multidão contrita  
 Em ato de morte se levanta e grita  
 Seu unísono canto de esperança.  
 Garrincha, o anjo, escuta e atende: - Gooooool!  
 É pura imagem: um G que chuta um o  
 Dentro da meta, um 1. É pura dança!  
 (Vinicius de Moraes)

<sup>24</sup> [http://www.viniusdemoraes.com.br/site/article.php3?id\\_article=355](http://www.viniusdemoraes.com.br/site/article.php3?id_article=355)

**Fotografia 1 – Garrincha atuando pelo time do São Raimundo em 1967.**



Fonte: Acervo pessoal do Sr. Jessé Alves de Araújo

### 3.1 Futebol Roraimense

O futebol amador em Roraima era organizado pela Federação Riobranquense de Desporto - FRD<sup>25</sup>, desde 1948 quando foi fundada organizava e executava o campeonato roraimense de futebol amador. Os primeiros clubes que existiram no período acima citado, “BOA VISTA, RIO BRANCO, URARICOERA, RORAIMA, AMAZÔNIA”<sup>26</sup>. Outros clubes vieram surgindo com o tempo.

Em 1960, os principais clubes de rivalidade que existiam em Boa Vista, Baré e Roraima. Estes protagonizavam os grandes clássicos futebolísticos da época, clássico capaz de fazer o estádio lotar para assistir tamanha rivalidade dentro de campo, sociedade boavistense ia empolgada prestigiar esse momento que ficou conhecido com o clássico “Bareima”, não que os outros jogos não fossem importante ou difícil de serem jogados, havendo rivalidade, mas esse era o principal, as torcidas eram maiores.

<sup>25</sup> Federação Riobranquense de Desporto – FRD Era responsável por organizar os campeonatos amadores em Roraima até meados de 1974.

<sup>26</sup> MAGALHÃES, Dorval de. **Roraima: informações históricas**. Rio de Janeiro: 1986. pág. 42

**Fotografia - 2. Na parte superior da Foto o Clube do Roraima e na parte inferior o Baré**



Fonte: Acervo pessoal do Sr. Jessé Alves de Araújo

Em toda essa rivalidade entre Baré x Roraima, não podemos deixar de citar seus fundadores, homens que se dispuseram a comandar esses times no início de sua história, os quais tinham a responsabilidade de serem instituídos por homens de importância significativa para a sociedade.

O Atlético Roraima Clube, “Roraima”, time que seus precursores foram os fazendeiros e comerciantes, suas cores representadas nas cores do clube carioca Fluminense, essa representatividade deve-se a “simpatia” pelo time por maioria dos fundadores, instituído em 1º de Outubro de 1944, era conhecido como “Time dos Milionários”, devido seus fundadores serem homens de grande poder econômico. Assim como Flamengo foi criado pelo desmembramento do Fluminense, desta mesma forma aconteceu aqui em Boa Vista. O Baré

foi fundado por um ex-membro do Roraima, e em 26 de Outubro de 1946 o senhor Aquilino da Mota Duarte instituiu o Baré Esporte Clube, marcado pelas cores vermelha e branco.<sup>27</sup>

O principal cenário dessa rivalidade era o estádio João Mineiro, o qual tem esse nome devido ao seu instituidor, que realizou seu sonho de construir um estádio para a prática do futebol amador, já que antes as “peladas” eram realizadas em campo que ficava nas intermediações do Hotel Aipana. O mestre de obras João Mineiro, também fundador do Operário Esporte Clube, que era composto por seus companheiros de trabalho, homem dedicado ao esporte local.

O estádio João Mineiro era o principal espaço de sociabilidade do esporte em Boa Vista até meados da década de 1970, era comum ir assistir os jogos do campeonato roraimense nos domingos de manhã, após saírem da missa. A semana que antecedia o clássico Bareima, as principais conversas que corria nas ruas do centro era sobre o jogo que seria realizado.

As famílias boavistenses prestigiavam os jogos indo até o estádio, momento que interagiam entre si, muitas vezes com pessoas que nem conheciam, conversavam, torciam todos juntos, espaço esse que todas as classes se reuniam em só local, sem acepção de pessoas. Sem dúvidas posso dizer que o futebol é um esporte sociocultural, já que se tornou cultura<sup>28</sup> do povo brasileiro.

Todavia, este espaço que marcou por algumas décadas o futebol e sociedade boavistense, palco de grandes histórias, grande jogos, participação de clubes nacionais, onde Garrincha mostrou um pouco da sua genialidade com a bola, já não existe mais, o que ficou deste magnífico estádio foi o pórtico de entrada, já que o mesmo foi demolido para construção da Maternidade Nossa Senhora de Nazaré, com a promessa de que outro estádio seria construído para atividades do futebol amador.

---

<sup>27</sup> [http://www.campeoesdofutebol.com.br/roraima\\_historia.html](http://www.campeoesdofutebol.com.br/roraima_historia.html)

<sup>28</sup> O termo cultura costumava se referir às artes e às ciências, depois, foi empregado para descrever seus equivalentes populares – músicas folclóricas, medicina popular e assim por diante. Na última geração, a palavra passou a se referir a uma ampla gama de artefatos (imagens, ferramentas, casas e assim por diante) e práticas (conversar, ler, jogar). In: BURKE, Peter. **O Que é História Cultural?** 2ª Ed., Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p.43.

### Fotografia 3 - Memorial do pórtico de entrada do Estádio João Mineiro



Fonte: Autor desconhecido

A foto acima, nos mostra o memorial do pórtico de entrada do estádio João Mineiro e por trs e ao lado, parte da praça que fica em frente à maternidade Nossa Senhora de Nazaré, somente isso foi o que ficou para marcar na memória da sociedade boavistense a existência do estádio que foi cenário de vários clássicos, marcado historicamente pela vinda de times a nível nacional e do grande craque "Garrinha", no qual a sociedade viveu bons momentos de sociabilidade e, para não caia no esquecimento, o pórtico foi o que restou para trazer a memória sempre que observado e questionado sobre este estádio que pouco ganhou espaço na história de Boa Vista.

Atualmente no cenário do futebol roraimense, existem duas instituições que organizam e efetivam os campeonatos locais, além de o suporte aos times que competem a nível nacional, o qual nenhum deles foi muito feliz na Copa do Brasil, ao que corresponde o futebol profissional é a Federação Roraimense de Futebol - FRF e a Liga de Futebol Amador do



Estado de Roraima - LIFAER que comanda os times e competições amadores do Estado de Roraima.

### 3.2 O espaço do futebol e as viabilidades de espaços.

Estruturalmente o futebol roraimense, nunca teve um grande espaço para a prática do esporte, um grande cenário no que diz respeito à estrutura física como, por exemplo, há em Manaus o Estádio Vivaldo Lima, que se tornará em breve Arena da Amazônia para receber os jogos da Copa do Mundo em 2014 e em Belém o Estádio Olímpico Mangueirão, estádios esse de renome no futebol nacional e internacional, pois já recebeu grandes Seleções Internacionais, cidades essas da região norte que obtém grandes espaços futebolísticos.

#### Fotografia 4 – Estádio Canarinho<sup>29</sup> e Estádio Ribeirão



Fonte: Autor desconhecido e Klinger Souza.

Atualmente Boa Vista conta com apenas 2 (dois) estádios que abrigam os campeonatos locais, o Estádio Flamarion Vasconcelos, o “Canarinho”, com maior capacidade de público e que atualmente se encontra em reforma, porém com sua capacidade para espectadores muito baixo, para ser um grande estádio com destaque nacional. Sua reforma busca trazer melhorias na sua estrutura física como também conforto para aqueles que ali estiverem para prestigiar eventos esportivos. Com a reforma do estádio Canarinho, os jogos dos campeonatos locais são realizados no estádio Ribeirão, esse que é bem inferior em toda sua estrutura que o Canarinho, porém esse é o que está à disposição da FRF para realizar os campeonatos que seguem ao longo do ano.

<sup>29</sup> O Estádio quando foi inaugurado em 1975 recebeu o nome de “Estádio 13 de Setembro”

Na década 1960 a situação do futebol roraimense era bem mais debilitada da que nós temos nos dias atuais, os jogos do campeonato roraimense que na época era promovido pela FRD, eram realizados no estádio João Mineiro como dito anteriormente. Entretanto, em décadas anteriores os jogos eram realizados em campos de chão sem nenhuma estrutura para se abrigar eventos futebolísticos, talvez pela pouca população que residia na cidade como relata o Sr Walmir Pimentel a respeito do futebol e população de Boa Vista:

Nessa época o campo de futebol era ali onde é o hotel Aipana, depois na década de 50, 51 mais ou menos, passou ali pra essa quadra onde é hoje é a sede do Rio Branco em frente ao União Operária, essa quadra toda ali era o campo de futebol, não tinha grama, não tinha nada era uma areal, também não era murada, era cercada de arame, arame liso e arquibancada do lado de lá era feita de madeira, era uma arquibancada para 200 (duzentas) pessoas, porque naquela época aqui em Boa Vista, talvez não tinha 2000 (dois mil) pessoas<sup>30</sup>.

Praticamente até meados da década de 1960, o então Estado de Roraima era conhecido como Território Federal do Rio Branco e partir de 1962 tornou-se Território Federal de Roraima e por fim em 1988 configurou-se como Estado de Roraima.

O Território Federal de Roraima como cidade fronteiriça tinha grande significado no cenário político nacional, para que se obtivesse o cargo de Governador do então Território precisava ser indicado pelo Governo Federal, como nos fala Aimberê Freitas “Os governadores do Território eram nomeados pelo Presidente da República por indicações políticas.”<sup>31</sup>

Essa política de criação de territórios vem desde 1943, com o Governo de Getúlio Vargas, a qual consistia na ocupação de cidades que faziam fronteiras com outros países, a justificativa para isso era o fato de que seria de fundamental importância para não acontecer uma exploração estrangeira nestas regiões fronteiriças:

Essas terras eram vistas como possíveis espaços de exploração capitalista estrangeira, que estava aliada a grupos nacionais. Difunde-se a necessidade de unificação tanto da sociedade brasileira quanto do seu território e a compatibilização dos interesses em prol do desenvolvimento e da soberania nacional, sob a égide do governo federal<sup>32</sup>.

<sup>30</sup> Entrevista concedida em 07 de março de 2013.

<sup>31</sup> FREITAS, Aimberê. **Geografia e história de Roraima**. Ed. Ver e ampl. Boa Vista: DLM, 2000, p. 114.

<sup>32</sup> OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de. **A herança dos descaminhos na formação do Estado de Roraima**. São Paulo, USP, 2003, p. 176.



A parceria entre governo local e Federal era evidente e isso fez com que gerasse um grande aumento nas migrações, nas décadas de 60 e 70, melhorias e facilidades no meio de transporte pelas vias terrestres se faziam necessárias para fácil locomoção para o Território Federal, como nos mostra Reginaldo Gomes de Oliveira: “A construção de caminhos terrestres capazes de assegurar o contato fácil e permanente de Roraima como restante do país, promovendo o aproveitamento dos potenciais econômicos da região, tornou-se prioritário no plano desenvolvimentista para essa região amazônica.”<sup>33</sup>

Neste cenário político em que Boa Vista que se encontrava, como nomeações de Governadores, a cidade crescia e havia a necessidade de algumas modificações estruturais e, neste âmbito, houve o interesse por parte do governo em construir um estádio maior e mais adequado para receber os eventos esportivos e propôs um acordo com a Federação, Walmir Pimentel enfatiza na sua fala a proposta do Governo para a Federação:

Aí o governo do território na época fez uma proposta pra Federação, que a Federação abrisse mão daquela quadra para o governo construir a maternidade e em contra partida depois o governo do território naquele tempo, né?! Construiria um novo estádio, adaptado, com condições, arquibancadas, com bar, com apartamentos para hospedagens de atletas e uma rampa de entrada, tudo bonito, mostrou uma marquise que é justamente o Canarinho, prometendo que depois ele restituiria o estádio para Federação. “Essa Federação depois foi transformada em Federação Roraimense de Futebol, era Federação Roraimense de Deporto, porque era amador e passou a ser Federação Roraimense de Futebol que hoje congrega os clubes profissionais. Só que o governo do Estado, do território, depois passou a Estado, Ramos Pereira foi quem inaugurou o estádio ainda era território, só que nunca cumpriu, nenhum administrador nunca cumpriu com a promessa e nunca passaram o estádio pra Federação, e assim foi à história<sup>34</sup>.

Notamos na fala do senhor Walmir que a proposta lançada pelo governo era realmente muito agradável e aceitável para os padrões modernos e estruturais da época, onde a Federação poderia ser beneficiada se ficasse com a direção do novo estádio, porém o senhor Walmir em sua fala nos mostra que não foi isso que ocorreu, o estádio João Mineiro acabou sendo demolido para a construção de um novo e o poder de direção do novo estádio não chegou as mãos da Federação como promessa do governo, isso independente de quem assumiu o Governo do Território.

---

<sup>33</sup> Idem. p. 188.

<sup>34</sup> Entrevista concedida em 07 de março de 2013.

Com a demolição total do estádio não restaria nada de concreto fisicamente que trouxesse à memória da sociedade o espaço que ali foi desempenhado para o cenário futebolístico da cidade, sua importância na vida da sociedade local da época. Observamos nesta busca de preservação de um monumento um movimento político por parte do Secretário de Turismo, que atualmente é o Presidente da FRF o senhor José Gama Xaud que mobilizou os esportistas para que reivindicasse a preservação do pórtico de entrada do estádio João Mineiro. Nesse sentido o Sr. Walmir relata:

A única coisa que foi preservada, porque na época em que demoliram o estádio o secretário de turismo da Prefeitura era o que é hoje presidente da Federação, José Gama Xaud. Então, ele reuniu uma turma de desportista e pediu, fizeram um pedido e foram ao governador que aquela faixa em frente ao estádio João Mineiro que tem lá, não fosse demolido, fosse preservado. Então, o governo na época atendeu o pedido e até hoje aquilo ali é preservado, aquilo ali foi criado aquela praçinha, praçinha João Mineiro, mais ou menos o que eu sei, entendeu? Do estádio João Mineiro<sup>35</sup>.

Boa Vista na década de 1960 era consideravelmente uma cidade pacata, aonde ir e vir era feito com tranquilidade, a marginalidade ainda não era predominante na cidade, ir ao Estádio João Mineiro era rotineiro, sem nenhuma preocupação com trânsito ou roubo de automóveis e bicicletas, o pórtico de entrada para o estádio é que ainda há ainda preservado, este pórtico fica exatamente onde era o estacionamento do estádio, onde as pessoas que chegavam para assistir os jogos deixavam suas bicicletas sem nenhuma preocupação com roubo, o medo de deixar e quando voltar não encontrar lá não existia na época como fala o Sr Walmir Pimentel:

Houve tentativa de demolir tudo, queriam demolir tudo que aquela área ali da frente onde tá a praça era justamente o estacionamento do estádio, porque na década de 60 já tinha mais ou menos uns 12 (doze) ou 13 (treze) carros aqui em Boa Vista e o pessoal já estacionava por lá as bicicletas, naquele tempo não tinha ladrão quase, o pessoal não roubava, parava lá e deixava, hoje em dia se deixar no meio da rua quando voltar não encontra mais nada, naquele tempo, eles, cada um, tinha os lugar pras bicicletas, tinha até umas coisas assim que eles elevaram, aqueles compartimentozinhos, a pessoas chegava lá e dava entrada a roda dianteira da bicicleta e o guidom ficava naquele travessão de ferro, ficava lá estacionado, ninguém mexia coisa nenhuma. Então, eles preservaram só aquela parte da frente, no lugar que era o estacionamento eles fizeram a praça<sup>36</sup>.

Nos tempos modernos, somos rodeados das tecnologias que nos deixam informados 24h, mas na década de 1960 ainda não contava com esses aparatos tecnológicos, para se saber um resultado de um jogo ou assisti-lo era necessário que você fosse ao estádio,

---

<sup>35</sup> Entrevista concedida em 07 de março de 2013.

<sup>36</sup> Idem.

principalmente em Boa Vista, os espaços de sociabilidade eram pouquíssimos principalmente relacionados ao futebol.

Comentar jogos era diversão, o passa tempo do momento, principalmente quando se tinha aquela rivalidade entre os clubes, o que deixava os torcedores mais entusiasmados à espera do próximo jogo, a sociedade reunia-se para comentar, essa sociabilidade que existia na década de 1960, o Sr Walmir Pimentel deixa bem claro em seus relatos, fazendo um comparativo com a sociedade atual e os meios de comunicação, que deixaram a sociabilidade e proximidade física bem distante da que se via no período, o que se ver bem evidente quando perguntamos se a sociedade comentava a respeito dos jogos:

Demais, demais, os jogos principalmente se fossem um jogo Baré e Roraima, por exemplo, que eram as maiores torcidas, isso ai já vem desde quando foram criados os 2 (dois ) times, tá entendendo? Os clubes, essa rivalidade já existe e não tinha televisão naquela época, não tinha rádio difusora e não tinha nada que prendesse as pessoas em casa como hoje, entendeu? Hoje em dia tem televisão, tem quantos canais de televisão, tem rádio difusora, então você fica ouvindo, mas naquela época não tinha nada disso. Então, quando acontecia um jogo desse no final de semana o pessoal ia todo pra lá. Porque a diversão naquela época eras moças passearem na Jaime Brasil 5hs da tarde, desfilando na Jaime Brasil pra cima e pra baixo e davam uma volta ali naquela praça Capitão Clovis, ali era bonito e era isso que tinha naquela época, não tinha nada, então a sociedade apoiava muito mais do que hoje em dia, mesmo porque hoje em dia, por exemplo, numa época de jogo, na hora de jogo é (...) 90% da juventude tá nas faculdades, as aulas, estudando. Naquela época não tinha nada disso, então a gente vinha de com força o futebol.<sup>37</sup>

A cidade de Boa Vista estava crescendo, devido os meios políticos que estavam sendo exercidos no Território, o aumento populacional que é quem dita o ritmo do crescimento da cidade e as suas necessidades estruturais que precisam ser realizadas para adequar a demanda da sociedade e o embelezamento da cidade. Oliveira corrobora: “Novas intervenções físicas no espaço construído voltariam a se apresentar nos anos de 1960, para marcar a presença do Estado Central na Amazônia. Assim, o plano urbano da cidade de Boa Vista foi aumentando, sendo suas ruas ampliadas e asfaltadas e as praças gramadas e arborizadas”<sup>38</sup>.

Neste processo de crescimento populacional e estrutural, Sr. Walmir observa que: “a cidade cresceu e veio a necessidade de, é (...) mudar a maternidade que era ali onde hoje é a SEPLAN, Secretaria de Planejamento, ali era a Maternidade, Divisão de Maternidade e

---

<sup>37</sup> Entrevista concedida em 07 de março de 2013.

<sup>38</sup> OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de. **A herança dos descaminhos na formação do Estado de Roraima**. São Paulo, USP, 2003, p. 188.

Infância que era DAMI, então houve a necessidade de mudar dali, porque, mesmo porque ficou pequeno pra cidade<sup>39</sup>. Assim como a necessidade de ampliar, modernizar o estádio local, houve a necessidade de se construir uma nova maternidade, moderna e que atendesse a demanda da cidade.

---

<sup>39</sup> Entrevista concedida em 07 de março de 2013.

#### 4. MEMÓRIAS DE UM EX-DESPORTISTA

A criação do Estado de Roraima dentro dos parâmetros da Constituição de 1988 tinha a finalidade de estreitar cada vez mais os laços políticos entre o poder Estadual e Federal como corrobora Oliveira:

O Estado de Roraima foi criado, pela Constituição Federal de 1988, dentro de princípios e regras que deveriam normatizar a nova função da máquina burocrática do Executivo estadual e as interações entre os poderes da esfera Estadual em parceria com esfera Federal. Nesse sentido essa Constituição brasileira, que favoreceu o projeto político de redemocratização do Brasil, transformou o Território Federal de Roraima em Estado da União e, também, fez surgir a ideia de entidade guardiã da fronteira nacional. O governo Federal continuou indicando os governadores durante a fase de transição de Território Federal para Estado, até dezembro de 1990<sup>40</sup>.

Entretanto, esse processo de redemocratização do Brasil não foi bem acolhido pelo ex-desportista Roberto Silva, que atuou diretamente no gramado do Estádio João Mineiro na década de 1960, e que ainda continua atuando e contribuindo indiretamente no futebol local, que sintetiza muito bem em um trecho de sua fala, comparando e criticando o futebol anterior ao período do Território Federal do Rio Branco e as condições que se encontra o futebol atual e que ele acredita ser o real interesse político de transição de Território para Estado como desportista e membro da sociedade boavistense:

Futebol profissional, mas o futebol profissional não existe aqui, duas coisas que eu sou daqui da terra que eu não queria que tivesse acontecido de maneira nenhuma, primeira: passar Estado, porque só beneficia os políticos e passar futebol amador pro profissional pra ser só o nome, aí não existe, porque aqui time nenhum tem condição de tocar o time profissional. Você tem que pagar, e aqui a maior parte dos times não pagam<sup>41</sup>.

O futebol atual no Estado de Roraima é muito debilitado no que diz respeito as condições financeiras, principalmente para profissionalização dos seus atletas, o qual para que isso aconteça o custo é muito alto, e o clubes locais não disponibilizam de verbas próprias suficiente.

---

<sup>40</sup> OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de. **A herança dos descaminhos na formação do Estado de Roraima**. São Paulo, USP, 2003, p. 188. p. 230.

<sup>41</sup> Entrevista concedida em 07 de março de 2013

Para que um clube participe dos campeonatos, eles precisam está devidamente regularizados, e com seus atletas profissionalizados, como isso é praticamente impossível que aconteça, a Federação recorre a Confederação Brasileira de Futebol - CBF. Porém, observamos na fala do senhor Roberto Silva, que por parte da Federação a certa animosidade quanto há alguns clubes, o que acaba prejudicando o mesmo, já que é debilitado financeiramente:

[...] só disputa campeonato se tiver regularizado. Aí não vai ter campeonato, porque nenhum time desses pra profissionalizar jogador custa R\$600,00. E aí, 11 (onze) jogador quanto é que é? 10 (dez) jogador seria o que?! 6 (seis) mil reais. E aí não da pra ficar com 10 (dez) jogador, né? Tem que ter pelo menos 15 (quinze) jogador, aí nenhum time desse pode “coisar”. Aí o que que acontece, a federação vai atrás da CBF, tem uma conta e deposita na conta da federação, manda o contrato profissional pra lá e lá a CBF desconta da conta da federação, é assim. Aí quando a federação não gosta de um time, esse time tem que se virar. Aí esse time não participa do campeonato porque não tem dinheiro, aí fica assim o tempo todo [...]<sup>42</sup>

No período do Estádio João Mineiro o futebol amador era muito mais organizado e apoiado do que o futebol profissional de hoje no Estado de Roraima, o fluxo de times de renome nacional que vinha até aqui era muito maior, existia um campeonato que durava praticamente o ano todo, hoje o campeonato organizado pela Federação dura um espaço de tempo muito curto, isso quando é realizado normalmente.

Todos esses motivos acabam dificultando o desempenho do clube que representa Roraima na Copa do Brasil, está é única participação que o futebol roraimense tem a nível nacional, Roberto faz uma crítica bem incisiva a respeito do “descaso” que se encontra o futebol local:

Aqui eu digo é a minha terra, mas eu digo aqui é a “terra do já teve” por que se tem uma cidadezinha e ela vai crescendo e vai aparecendo as coisas, aqui é o contrário, aqui já teve de tudo, e hoje não tem nada. Futebol antigamente era amador e era forte, vinha time de fora, nós passamos aqui 47 jogos invictos, o Baré. Vindo todos os times profissionais do Amazonas, veio o Remo de Belém, e ninguém perdeu e era amador, hoje o futebol daqui, vem à Copa do Brasil aí já sai logo, no primeiro jogo já saiu, entende?! Aí campeonato é um mês. No nosso tempo não, tinha um calendário, começava em janeiro e ia até novembro. Aí dezembro era o mês de férias, em janeiro continuava. Hoje não, a federação marca campeonato pra março, aí no começo de abril já terminou, aí só para o ano. Aí só fica aqui a copa do Brasil que vem, aí o time não tem com quem jogar, aí fica só treinando e quando chega na copa do Brasil não ganha, perde.<sup>43</sup>

---

<sup>42</sup> Entrevista concedida em 07 de março de 2013.

<sup>43</sup> Idem

A situação política do Estado de Roraima não é muito favorável ao esporte, em particular ao futebol, observamos pela fala do senhor Roberto que o apoio da imprensa e governo era e são fundamentais para que o futebol desenvolva, até mesmo por parte dos presidentes de clubes que anteriormente lutavam para conseguir apoio:

Então, antigamente aqui era uma imprensa forte, eram os presidentes de clube com seus clubes bem formados, bem fortes também e o governo sempre apoiava. Hoje nós não temos isso. Nós estamos aqui com dois campeonatos na LIFAER pra decidir e o governador desde o ano passado nunca repassou o convenio que nós temos pra decidir, pra terminar o campeonato<sup>44</sup>.

Roberto Silva exalta o ex-governador Neudo Ribeiro Campos que governou o Estado de 1994 a 2002, que apoiava financeiramente o futebol, times e atletas, construiu um novo estádio para o futebol amador que foi o Estádio Raimundo Ribeiro de Souza popularmente conhecido com “Ribeirão”, criticando assim o atual governador Anchieta Junior, que nem ao menos cogita a possibilidade de ajudar o futebol: “O Estádio Ribeirão, foi o Neudo quem fez pro futebol amador que era, a gente treinava na areia ali, o pessoal jogava na areia ali e hoje é num gramado, com arquibancada, bem adequado ali, mas ai depois o governador não quer nem ouvir falar em chegar lá e pedir ajuda pro esporte”<sup>45</sup>.

Roberto Silva expõe sua visão política e sua indignação, que pessoas que vem de longe chegam aqui e se candidatam não estão preocupados com o bem social, muito pelo contrário vem para o Estado fazer política pensando em “fazer” seus nomes e formar fortuna nas “costas” da sociedade, esquecendo-se do compromisso com o povo: “Vem uma pessoa de fora se elege e vai, ai o que, que acontece? Eles deixam o dinheiro aqui? Não. Eles levam pra fora, trás o pessoal de fora pra trabalhar aqui com eles, o pessoal daqui fica só olhando e isso entra política sai política mesma coisa, então nós não temos assim futuramente perceptiva de as coisas melhorar, né?” Pelas suas palavras notamos a falta de fé no atual governo, que nada demonstra de ajuda para o futebol e para a sociedade em questão de empregos e melhorias para a população.

Para Roberto Silva infelizmente o esporte, no caso o futebol dentro de Roraima não tem o apoio necessário ou apoio algum para eventos esportivos, ou que possa contribuir para atuação do time que disputa a Copa do Brasil, os times que querem algum tipo de apoio nunca pode contar com o governo.

---

<sup>44</sup> Entrevista concedida em 07 de março de 2013.

<sup>45</sup> Idem.

Patrocínio para os times nos campeonatos, só pode contar com os empresários, Roberto Silva coloca que até os meios de comunicação que existiam e que facilitavam o trabalho, já não existem mais:

A não ser que entre um governo no futuro que diga “eu sou desportista” ai sim! Em Manaus tanto prefeito como governo mudaram os times profissionais, que já são profissional, mas eles ajudaram muito dando verba, os times que disputaram a Copa do Brasil o governo deu ajuda, aí fica melhor de você coisar, mas aqui não. Aqui se quiser fazer as coisas tem que ser pedindo de empresários, uns dá outros não dá, ai é terra do já teve infelizmente tudo já teve aqui, aqui já teve Jornal O Globo, o Jornal dos Esportes, hoje eu só leio a Folha de Boa Vista e olhe lá, jornal nem de Manaus eu não vejo mais aqui. Então, fica bastante difícil a gente que trabalha assim dentro do esporte, que eu sempre gostei<sup>46</sup>.

O apoio do poder público é inexistente, Roberto demonstra grande insatisfação com isso, já que gosta de trabalhar com esporte e acredita que é possível construir uma sociedade satisfatória com o trabalho com crianças, afastando-os da marginalidade e expõe a situação que a cidade se encontra atualmente:

Eu várias vezes fui pedir no governo pra montar uma escolinha, porque você trabalhar com criança, você tá tirando a criança, tá tirando um menino da droga de tudo, né? De tudo aquele (...) e chega no esporte ali é outra coisa, mas eu sempre ouvia um não, ai fazer por conta própria eu não tenho condição, né? De pegar e arcar, de pegar um bocado de menino ai comprar equipamento e fazer, não! Eu não tenho condições! Ai o que acontece é o seguinte a cidade tá ai, antigamente a gente armava uma rede no quintal e dormia a noite todinha sem problema, hoje nem com a casa fechada, outro dia eu vi no jornal que o pessoal tava na porta da casa dele, o pessoal tava conversando os bandidos chegaram e assaltaram<sup>47</sup>.

Roberto Silva não conheceu pessoalmente a pessoa do João Mineiro, porém, observamos em sua narrativa que o mesmo se enquadra naquilo que Michel Pollak<sup>48</sup> chama de memória por “tabela”, a qual é denominada por Maurice Halbwachs<sup>49</sup> de memória coletiva, ou seja, memória obtida através de relatos de outras pessoas que vivenciaram o período o qual João Mineiro contracenou no cenário do futebol local.

Entretanto, em sua fala ele nos dá subsídios para compreender sobre este homem, João Mineiro, que foi homenageado com seu nome no estádio devido ser o principal mentor

---

<sup>46</sup> Entrevista concedida em 07 de fevereiro de 2013

<sup>47</sup> Idem.

<sup>48</sup> POLLAK, Michel. **Memória e Identidade Social**. In *Revistas Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.5, n. 10, 1992, p. 200-212.

<sup>49</sup> HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo, Vértice, 1990.



de sua construção, o qual infelizmente não teve muito tempo para desfrutar de algo que ele lutou e alcançou com muito esforço realizando assim seu sonho:

Mas, ele foi um mestre de obras que tinha um sonho, o pessoal chamava ele de louco, é porque uma pessoa que é só mestre de obras ele queria construir um estádio. Um cara desse tá doido! Não chamaram o Noé de louco porque construiu aquela arca, né? Mas, ele conseguiu construir o João Mineiro, né? E automaticamente claro colocaram o nome dele, porque ele que construiu o estádio, né? Mas, logo a seguir ele faleceu, eu não cheguei a conhecer ele com vida, né? Só em foto, diz que ele era bem moreno, ele não era daqui por isso que (...) era mineiro parece, aí veio pra cá se entocou por aqui, né? Como sempre e tinha aquela loucura por esporte e conseguiu fazer o sonho dele e o das pessoas na época, eu fui um cara que fiquei revoltado porque tantos prédios antigos que eles tombaram, ali era um cenário de tantas e tantas, pô ali eu joguei com Garrincha o maior ponta do mundo, veio clubes como Fluminense, Adílio, veio Mota, veio completo o Fluminense, veio seleção do Amapá, veio Madureira do Rio, seleção da Guiana Inglesa que vieram, então todinhos esses aí, então uma relíquia aí derruba pra fazer uma maternidade [...]<sup>50</sup>

A luta por um sonho que se tornou realidade acabou sendo destruída para construção da nova maternidade, Roberto Silva demonstra sua insatisfação pela demolição do estádio, devido todos os acontecimentos que marcaram a história do Estádio João Mineiro, a história do futebol roraimense e a memória da sociedade boavistense. Talvez louco sim, mas um louco pelo futebol que mesmo sem ter ideia contribuiu muito para a história do futebol local.

#### 4.1 A arte de um “Mané”

A vinda do craque da seleção brasileira Garrincha foi um marco histórico para a história do futebol roraimense, para o cotidiano da sociedade boavistense e na memória dos jogadores que estiveram ao lado do craque no jogo.

O estádio João Mineiro tornou-se pequeno para o grande público que lotou o estádio para ver Garrincha jogar, afinal qual cidade não se alegraria e passaria dias comentando a vinda de um grande jogador que brilhou em Copas do Mundo com a camisa do Brasil? Não seria diferente em Boa Vista, a cidade estava em festa, totalmente ansiosa para o vê-lo pessoalmente.

Os jogadores encontravam-se, em êxtase por poderem jogar com um ídolo do futebol nacional e para ambos os clubes, já que Garrincha jogaria pelos os dois, um em cada tempo da partida, sobre esse dia festivo e marcante para o futebol e sociedade boavistense que pouco conheci ou ouvimos falar, Roberto Silva nos diz:

---

<sup>50</sup> Entrevista concedida em 07 de fevereiro de 2013.

Foi um tumulto geral, o João Mineiro é por isso que eu disse, até um estádio como o Canarinho ele não dá pra trazer um time de fora, como do Rio porque o pessoal vai, ai não tem uma estrutura. Então, o João Mineiro não cabia, ficou um amontoado de gente dentro querendo ver, né? Tocar no Garrincha, ai foi um negocio terrível mesmo, né?! Mas realmente a pessoa fica querendo ver, só olha pela televisão, só olha pelo jornal, só olha pela revista, ai duma hora pra outra ele tá ali perto, ai nesse dia foi um tumulto no João Mineiro terrível, tiveram que abrir os portões pra o pessoal entrar, ali pronto num coube de jeito nenhum, talvez se fosse num estádio que tivesse 40 mil pessoas, tinha lotado porque foi só o que falavam era no Garrincha, a cidade ficou em festa completamente, foi muito mesmo, teve uma iniciativa muito grande aqui em Boa Vista. Aí é aquela coisa, a gente fica bobo, né? Vai jogar tua bola, mas como a gente vai jogar a bola da gente, tá perto duma pessoa ali que foi o maior jogador do mundo, ai fica os 2 times ali, até perdemos e perdeu os 2 times porque, jogou o 1º tempo pelo São Raimundo ai o Baré ganhou de 3 a 1 ai veio o 2º tempo ai ele veio pro Baré e o São Raimundo virou pra 4 a 3<sup>51</sup>.

Ganhar ou perder não era o que importava realmente neste jogo, o grande momento neste dia era está ao lado de Garrincha, conversar, tocar, tirar fotos, esses detalhes que marcaram a memória dos jogadores, notamos a importância da “memória materializada” em fotos, os anos passam e muitas vezes sem termos algo que nos faça lembrar de certos acontecimentos, algumas lembranças caem no esquecimento, e a foto que é a “memória materializada” faz com que essa memória seja conhecida por muitos, por isso a importância de algo concreto e também da tecnologia que nos dias atuais tanto nos ajuda a propagar informações como Roberto Silva narra:

Quer dizer então perdemos de todo jeito, mas valeu mesmo pra cada um da gente alegria de tirar foto junto, foi, inclusive eu mandei a minha esposa mandou pela internet, ai já manda, vai mandado, ai daqui a pouco o pessoal manda de volta parabenizando, aquele negocio todo facebook, ela vai pegando essas homenagens que fazem pra mim, ela vai jogando, ai já tô conhecido<sup>52</sup>.

Ao analisarmos a narrativa de Roberto Silva sobre o comportamento das torcidas adversárias, percebemos que a rivalidade era apenas na animação, disposição de estar torcendo pelos seus times em dias de jogos, que a falta de animosidade se dava apenas entre os jogadores, onde o clima esquentava quando estavam em campo disputando diretamente, uma torcida comportada, sem violência, enquanto o “sangue fervia” os nervos afloravam por partes dos jogadores na busca de vencer, ou quem tinha a razão em algum lance polemico.

---

<sup>51</sup> Entrevista concedida em 07 de fevereiro de 2013.

<sup>52</sup> Idem.

## 4.2 O fim de uma era

Outro ponto a se analisar nesse trecho de sua narrativa é exatamente no que diz respeito a essa empolgação em campo, como também por parte das torcidas, observamos que essa empolgação de torcedores em estar indo até ao estádio só se deu no período do João Mineiro, o rendimento do público caiu drasticamente depois que os jogos passaram a ser no estádio Canarinho. Não sabendo explicar o que possa ter ocorrido Roberto Silva acredita que tenha caído o público devido a baixa qualidade do futebol apresentado nos anos posteriores.

Porque cê ver um jogador desse que não tem nada haver, você não vai sair da sua casa, deixar de olhar sua televisão pra ir pro campo olhar, mas antigamente você via, tinha bons jogadores, bons jogos ai você ia, porque tinha motivação tinha tudo, ai vinha o time de fora, né? Entende? O Remo veio aqui, veio o time do Amapá, tinha na época o Copão da Amazônia que era disputado, sempre a CBF fez, como aqui era Território antigamente, porque cê vê que hoje o profissional não ganha isso, mas naquele época o seguinte era 4 times o campeão de cada Estado, né? Ai jogava em Porto Velho, depois jogava um ano no Acre, no Amapá e Roraima, jogava rodada dupla, era cheio o estádio todo dia, o jogo lá era lotado, ai quando terminava eles chamavam os presidente de clube e repartia, podia perder podia ganhar não interessava, tá aqui a renda, tua parte é essa, iguais<sup>53</sup>.

Este trecho da narrativa nos leva a pensar o que realmente motivava a sociedade boavistense, ir ao estádio João Mineiro seria a boa qualidade dos jogos, jogadores ou o fato de ter aquele momento de lazer? Se reunir com os amigos e até mesmo desconhecidos, acredito que todos esses pontos levavam o estádio estar sempre lotado.

Para Roberto Silva seria a boa qualidade esportiva que era apresentada, que justificava a vinda de times de outros estados, assim como o apoio que era dado pela CBF ao futebol amador, o qual hoje não se vê, ao fim do jogo todos ganhavam parte da renda e isso, sem dúvidas, motivava os jogadores e a torcida a prestigiar o futebol do passado, o que nos dias de hoje não se ver nenhum desses motivos:

Quando terminava o campeonato ou torneio que era 4 (quatro), 3 (três) jogos pra cada um, 3 (três) rodadas pra cada um e tinha a decisão ainda os times chegavam com o dinheiro aqui independente de perder ou ganhar esse foi o motivo que a CBF deu pra gente isso era amador, e os times vinham era com dinheiro, tinha dinheiro aqui, hoje é profissional não tem dinheiro, entende?<sup>54</sup>

Podemos dizer através da fala de Roberto Silva que o ápice do Estádio João Mineiro foi entre os anos de 1956 a 1972, existia juvenil, aspirante que jogavam no domingo de

<sup>53</sup> Entrevista concedida em 07 de março de 2013.

<sup>54</sup> Idem.

manhã, estes antecediam o jogo principal do dia, os times tinham uma base, grupos fechados o que fortalecia os times e o futebol na época, coisa que não existe mais. A vinda de clubes grandes era comum aqui, e a ida dos clubes daqui para fora também era comum, graças ao apoio que tinham:

Praticamente onde teve mais movimentação foi dos anos de 1956 a 1972 esse foi, daí até 72 era um futebol de altíssimo quilate, muito forte tanto do (...) basta dizer que antigamente era juvenil a gente jogava domingo de manhã porque de tarde cedo logo era o aspirante que era o time aspirante do time principal que ia jogar, depois era o jogo principal, todos eles tinham juvenil, e o aspirante e o titular, hoje não consegue ter nem o titular, tem times ai que tem as vez 15 (quinze) jogador e olhe lá, termina um campeonato e vão embora, dá não rapá, nós tivemos plantão no Baré, jogamos juntos até de 68 a 72 mesmo grupo, mudou pouquinho gente assim juvenil que saia entrava no nosso meio ali e já ficava no nosso lugar. Então, futebol mesmo, destaque mesmo foi de 1956 que veio grandes equipes nesse João Mineiro aqui, eu tava (...) tinha o campeonato brasileiro de seleções, a seleção daqui jogava em Marabá, Cuiabá, jogava em Manaus, entende?<sup>55</sup>

No estádio Canarinho ainda houve um pouco desta empolgação, mas não como era no João Mineiro, depois entrou em decadência o rendimento das equipes, a rivalidade que existia naquela época, os comentários da sociedade, deixou de ser o principal assunto da semana, essas coisas já não existem mais, não há divulgação pelos meios de comunicação o que deixa Roberto Silva indignado, explicitando a descrença por parte dos organizadores que não acreditam que o público irá ao estádio assistir os jogos, isso não acontecia no estádio João Mineiro que sempre esteve lotado, onde muitas vezes não suportava o público que queria está lá dentro assistindo o jogo:

Depois que veio pra o estádio Canarinho teve, ainda teve o resíduo do João Mineiro, Baré! Baré formou uma geração inteira, ganhou, vencedor no João Mineiro, essa geração jogou a última partida que ele fez que foi campeão foi em 1976 no Canarinho. Ai se desfez tudinho, daí o Baré não foi nunca mais o que era antigamente e eu torcedor antigo do Baré lembra só dos times vencedor, desse pra cá desistiram do estádio porque o time só perdia, teve uma vez perderam pro Roraima de 7 a 0 parece, 8 a 0 parece coisa que nunca aconteceu com nós, Baré e Roraima ali nós podia perder pra tudo quanto era time, mas pro Roraima não, era aquele rivalidade que tinha, então já começava na Jaime Brasil na segunda feira, era o assunto do dia qualquer rodada era Baré/Roraima. Hoje teve jogo aqui da Copa do Brasil feminino, teve gente que nem sabe, a senhora sabe que existiu jogo aqui? Essa é a realidade do esporte daqui que os caras não tem interesse em divulgar, de ir pra televisão de ir pro jornal, de pegar um (...) hoje tem esse rádio, manda anunciar em bares, tem uns bar aqui um jogo desses, passa e as pessoa dizem “a rapá teve jogo”? teve “mas rapá dia de sábado ninguém sabia” eles vão fazer os ingressos no dia do jogo, sábado de manhã que eles estão aprontando os ingressos, o jogo é a noite. Então, essa que é a realidade que eles acreditam que o pessoal não vá, vá pro (...) ver um jogo de campeonato ali no Ribeirão quando chega lá olhar 1, 2, 3, 4 no meu

---

<sup>55</sup> Entrevista concedida em 07 de março de 2013

tempo do João Mineiro era lotado ele todinho, arquibancada não tinha lugar, as vez tinha que fechar o portão e sempre era assim<sup>56</sup>.

Roberto Silva foi um dos maiores craques do futebol roraimense conhecido nacionalmente, alvo principal de entrevistas nacionais que exploram conhecer um pouco mais do futebol de Roraima, um centroavante artilheiro por 10 (dez) anos seguidos, o dono da camisa 10 (dez) do Baré, em sua memória traz lembranças incríveis que o alegram e nos faz conhecer um pouco mais do estádio João Mineiro e do futebol roraimense na década de 1960, décadas anteriores e posteriores também.

### Fotografia 5 – partida de futebol e Jogadores no Estádio João Minneiro



Fonte: Acervo pessoal do Sr. Jessé Alves de Araújo

Dedicou sua vida ao futebol, continua dedicando indiretamente, demonstrou seriedade e responsabilidade em seu trabalho como jogador, mesmo com todas as dificuldades da época, ele e seus companheiros estavam sempre dispostos a jogarem como ele mesmo relata:

Do João Mineiro minha grande alegria é ter participado das seleções de Roraima disputando campeonatos brasileiros, eu fui 10 (dez) anos artilheiro seguido aqui no futebol aqui, centroavante número 10 (dez). E eu (...) o pessoal que dizia esse aqui não aparece não, mas é porque eu gostava de jogar e tudo que eu fazia no tempo que eu jogava era com seriedade, fazia (...) não era só eu, era o grupo, por isso o Baré era um grupo vencedor, porque o ser humano hoje você manda o menino desse fazer uma educação física pra se preparar e fica enrolando ai ele não tá enrolando o treinador ele tá enrolando ele mesmo, porque quando ele for jogar não aguenta ele vai cansar e vai né? Assim não, naquela época não, todos os times eram fortes, todos encaravam e outra coisa, nós a maior parte do Baré trabalhava no Banco do Brasil, jogador do Banco do Brasil na época nós tínhamos bem uns 6 (seis) jogador que trabalham no Banco do Brasil e uma vez nesse jogo que eu mostrei aqui do Rio Negro, era uma quarta feira enquanto eles estavam ali naquele hotel do (...) que

<sup>56</sup> Entrevista concedida em 07 de março de 2013.

antigamente era o hotel Boa Vista concentrado, nós tava no banco trabalhando, saí uma 13:30h do banco que era hora que expediente terminava pra ir pra casa, almoçar pra jogar de tarde e ganhamos de uma 1 a 0 deles, então quer dizer esse era o nosso futebol antigamente.<sup>57</sup>

Roberto Silva, roraimense que sempre gostou de futebol nos mostrou o que havia de bom e bonito no futebol roraimense, nos transmitiu em sua narrativa suas alegrias por ter feito parte de uma geração no futebol local que brilhou e se tornou ícone de grande admiração, sua indignação pela demolição do Estádio João Mineiro, decepção pela decadência do futebol local ao longo dos anos, sua insatisfação com Governo e imprensa, o comportamento da sociedade em relação ao futebol e ao Estádio João Mineiro e sobre sua vida como desportista.

---

<sup>57</sup> Idem.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da construção deste trabalho, tornou-se notória a importância histórica e social que o Estádio João Mineiro tinha na década de 1960 para a sociedade boavistense, a capacidade de integração social que exercia era grandiosa e que merece total destaque na história de Boa Vista.

Percebe-se as dificuldades em trabalhar com memória, sendo uma tarefa árdua que necessita de muita motivação, paciência e disponibilidade. Quando analisamos as memórias, notamos como as mesmas são frágeis, maleáveis, narradas em alguns casos tomados de sentimentalismo profundo, em outros dotados de uma reflexão histórica, social e política.

A discussão sobre memória abordada pelos autores citados nesta monografia, muito contribuíram para a compreensão e importância da memória sejam elas por meio de lugares, monumentos, fotos e narrativas, a responsabilidade do trabalho de criar acervo e explorá-la, muito me fascinou por meio das leituras sobre as considerações destes autores no que diz respeito à memória.

O conhecimento sobre a memória tem aumentando significativamente ao longo dos anos, suas formas de conservação e se tornam cada vez mais abundante, estudá-la e analisá-la é sem sombra de dúvidas sensacional devendo ser feita com muito cuidado. Entretanto, o contato direto com fontes vivas é surpreendente para que se possa construir e compreender acontecimentos com base nas narrativas orais, pois se seu objeto de estudo estiver muito distante no espaço temporal isso se tornará praticamente impossível.

Muito se tem estudado sobre a memória, e nos tempos modernos já não é uma particularidade da medicina, já que a memória se sobrepõe em parte específica do cérebro humano, o que intriga a medicina estudá-la cada vez mais. Porém, sobre a memória podemos dizer que tem se tornado modismo no ofício do historiador ou até mesmo em diversas áreas das ciências humanas que buscam conhecimento no campo social através da memória.

Para que se obtivessem as narrativas dos personagens que atuaram no futebol roraimense em 1960 foi uma tarefa muito difícil, devido as suas disponibilidades. Todavia, as duas entrevistas obtidas foram fundamentais para compreensão social, histórica e política pela qual passou o Estado de Roraima, que no período apresentado ainda era Território, o Sr.

Valmir Pimentel e Sr. Roberto Silva foram extremamente sucintos em seus discursos, os quais fundamentaram o segundo e terceiro capítulo desta monografia.

Explorar este objeto foi o grande desafio, encontrar trabalhos acadêmicos escritos sobre o Estádio João Mineiro é como tentar contar as estrelas no céu ou areias do mar, o pouco que se encontra são passagens brevíssimas sem detalhes.

A importância que o Estádio João Mineiro teve para a sociedade na época e para história do futebol é totalmente significativa para ser estudada e divulgada para a sociedade boavistense atual, muitas pessoas não sabem que existiu este Estádio na cidade de Boa Vista, muitos desconhecem a existência de um memorial em sua homenagem. Da mesma maneira, encontrar material científico sobre o futebol roraimense, o qual atualmente basicamente não tem tanto destaque na mídia local e quando tem é apenas algumas e breves notas nos poucos periódicos que se encontram em circulação.

As narrativas orais muito nos contam sobre este Estádio, acontecimentos memoráveis e sua capacidade de integração social por tantos anos em Boa Vista, narrativas estas de grande valor e de sentimentalismo, sua vivência voltada sempre e diretamente ao futebol pelo qual sempre se dedicou e o reconhecimento que ele pode dar a um ex-desportista e por outra parte a capacidade de ver a sociedade em meios às movimentações políticas pelo qual a cidade e o Estado passavam em sua estrutura física e política.

Este trabalho foi um presente e marco na minha vida acadêmica, muito aprendi sobre a cidade de Boa Vista, sobre o futebol com seu poder de inclusão social, sobre o espaço construído ocasionando a sociabilidade e sobre a memória em suas diversas faces, nos momentos conturbados muitos me ajudaram para que este trabalho fosse concluído.



## REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA

- ARÓSTEGUI, Julio. A história oral como técnica: as fontes orais. In: **A pesquisa histórica: teoria e método**. Bauru, SP: Edusc, 2006. Pág. 532-536.
- BARROS, José D'Assunção. **Os Campos da História – uma introdução às especialidades da História**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.16, p. 17-35, Dez. 2004.
- BOSI, Ecléia. Tempo de lembrar. In: **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. 11ª Ed. Companhia das Letras: São Paulo, 2004, pág.71-92.
- BURKE, Peter. **O Que é História Cultural?** 2ª Ed., Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- FREITAS, Aimberê. **Geografia e história de Roraima**. Ed. Ver e ampl. Boa Vista: DLM, 2000.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo, Vértice, 1990.
- LE GOFF, Jacques, 1924, **História e memória**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1990.
- LIVISOLO, Hugo Rodolfo; SOARES, Antonio Jorge. **Futebol: A construção histórica do estilo nacional**. Revista Brasileira Ciência & Esporte. Campinas, v. 25, n. 1, set. 2003, p. 129 – 143.
- MAGALHÃES, Dorval de. **Roraima: informações históricas**. Rio de Janeiro: 1986.
- NOGUEIRA, Francisco Marcos Mendes. O lugar e a utopia: história e memórias de migrantes nordestinos em Roraima (1980 a 1991). Boa Vista, 2011.
- OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de. **A herança dos descaminhos na formação do Estado de Roraima**. São Paulo. USP. 2003.
- PIMENTEL, Walmir. **Boa Vista, 1950: uma história que quero contar**. Boa Vista, Gráfica Real, 2010.
- POLLAK, Michel. **Memória e Identidade Social**. In **Revistas Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.5, n. 10, 1992, p. 200-212.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. Ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.
- SOUZA, Carla Monteiro de. **Gaúchos em Roraima**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- VERAS, Antonio Tolrino de Rezende. **A produção do espaço urbano e Boa Vista – Roraima**. São Paulo, 2009.

### Sites

- <http://www.mrc.adv.br/artigos/uma-breve-historia-do-futebol-C107226.html>. Acesso em 05/03/2013.
- [http://www.viniciusdemoraes.com.br/site/article.php3?id\\_article=355](http://www.viniciusdemoraes.com.br/site/article.php3?id_article=355). Acesso em 05/03/2013.
- [http://www.campeoesdofutebol.com.br/roraima\\_historia.html](http://www.campeoesdofutebol.com.br/roraima_historia.html). Acesso em 05/03/2013.
- [www.cbf.com.br](http://www.cbf.com.br). Acesso em 05/03/2013.

**Entrevistas**

**Roberto Silva**, entrevista concedida em 07 de fevereiro de 2013, em sua residência.

**Walmir Pimentel**, entrevista concedida em 07 de março de 2013, em sua residência.